

# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>



**OLIVEIRA, José Lopes de** (Vale de Açores, Mortágua, 1881 – Parede, Cascais, 1971)

José Lopes de Oliveira nasceu a 25 de Dezembro de 1881 em Vale de Açores, Mortágua. De origem social modesta, era filho de João Lopes de Oliveira e Maria Adelaide de Jesus, tendo sido acompanhado de perto pelo seu padrinho, Adelino José Tomás, que era pai do escritor Tomás da Fonseca. Republicano convicto, destacou-se pela sua dedicação ao exercício do professorado e pelo seu trabalho como historiador. Em 1905, formou-se em Direito na Universidade de Coimbra. Foi ainda como estudante que publicou as suas primeiras obras: uma coleção, em três volumes, intitulada *Intelectuaes* (o primeiro dedicado a Bernardino Machado, o segundo a Camilo Castelo Branco e o terceiro a Fialho de Almeida). Tornou-se maçom no ano seguinte, iniciando-se na loja Portugal, em Coimbra, sob o nome simbólico “Rousseau”. Logo que se formou, ingressou no liceu de Viseu como professor de História e Geografia, aí se mantendo até 1910. Após a implantação da República, tornou-se docente no liceu Passos Manuel, em Lisboa, onde exerceu a profissão durante várias décadas. Ainda em 1910, dirigiu as Escolas Normais de Lisboa, abandonando o cargo em 1911 devido a divergências políticas. No âmbito político, Lopes de Oliveira revelou apreço pelo ideal republiano desde cedo, julgando ser impossível consagrar a vitória da Democracia dentro do regime monárquico, pois «só a forma republicana poderá convir à Nação» se esta quiser viver e progredir (*História da República Portuguesa*, 1947, p. 19). Em 1908, foi descrito pelo *Álbum Republicano* como «um admirável campeão» do movimento democrático. Foi militante do Partido Republicano Português até 1920, ocupando, no ano seguinte, o cargo de chefe de gabinete da Presidência do Ministério de Bernardino Machado. Ingressou depois no Partido Republicano Radical em 1923, integrando o seu directório. Assumiu a presidência do mesmo partido em 1925.

Lopes de Oliveira é autor de uma vasta obra, não só historiográfica, mas também biográfica (caso de *Eça de Queiroz* e de *Guerra Junqueiro. A sua vida e a sua obra*), memorialística (*Rema Sempre!* e *...E mesmo contra a maré!*), e de filosofia social (*Quadro da História Universal: Evolução da Humanidade*). No plano da historiografia, os seus escritos incidiram sobretudo na história do regime republicano português, centrando a sua análise no tópico da propaganda política. Colaborou na *História do Regimen Republicano em Portugal* (1930-1935), de Luís de Montalvor, sendo autor dos capítulos dedicados à propaganda republicana, e, em 1947, veio a público a sua *História da República Portuguesa: a propaganda na*



# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

*Monarquia Constitucional*. Aí, o historiador traçou o percurso do movimento democrata desde as suas origens, que ele considerava serem os acontecimentos de 1817, onde se deu «a primeira manifestação do espírito da liberdade» (*História da República Portuguesa...*, 1947, p. 7), e a Revolução de 1820, até à instauração da República a 5 de Outubro de 1910. Ao mesmo tempo que destacou os momentos que, no seu ponto de vista, foram cruciais na consolidação do projecto republicano, como a fundação do Partido Republicano Português, que situava em 1876, e o trabalho de propaganda política levada a cabo pelos seus principais agentes políticos, Lopes de Oliveira procurou enquadrar a situação portuguesa no panorama europeu, considerando amiúde os acontecimentos internacionais que motivaram alterações políticas em território português. Trata-se de um trabalho de divulgação histórica, no qual se descobre facilmente a visão republicana do historiador e em que conceitos como Democracia (que grafa umas vezes com maiúscula e outras com minúscula) e República são centrais. Como é sabido, Lopes de Oliveira considerava que o estabelecimento da democracia e o progresso da nação apenas seriam possíveis num regime republicano. Poucos anos antes de falecer, publicou ainda uma *História da Revolução Francesa: suas causas, os Estados Gerais, a Assembleia Constituinte*. Direcçãoando-se também para a divulgação histórica, trata-se de uma obra ilustrada (retratos, gravuras, mapas) e desprovida de aparato erudito, como notas de rodapé e bibliografia, ainda que o autor cite amiúde fontes da época e trabalhos posteriores à Revolução Francesa, como é o caso da obra de Michelet.

Embora nunca lhe tenha dedicado uma monografia como as que realizou sobre Eça de Queiroz e Guerra Junqueiro, Lopes de Oliveira dispensou alguma atenção ao trabalho de Oliveira Martins. Num dos textos que publicou na colecção *Cadernos Históricos*, organizada em parceria com Rocha Martins, debruçou-se sobre o programa político de Oliveira Martins e o engrandecimento do poder real que este último defendeu nos últimos anos de vida. Em 1947, saíram na *Seara Nova* dois textos de Oliveira Martins – *Liberdade de cultos* e *O Ultramontanhismo* –, publicados por iniciativa de Lopes de Oliveira e acompanhados por uma extensa nota sua. No ano seguinte, esses mesmos textos integrariam uma colectânea de escritos de Oliveira Martins, organizada e dada à estampa pelo historiador republicano sob o título *Páginas Desconhecidas*. Além dos textos do historiador oitocentista – todos eles da década de 70 do século XIX e identificados pela primeira vez por Lopes de Oliveira –, esta publicação contou ainda com um estudo introdutório de sua autoria, no qual o historiador traçou um esboço bio-bibliográfico do autor do *Portugal Contemporâneo*. Centrando-se simultaneamente em aspectos da vida público-privada de Oliveira Martins e no seu trabalho enquanto escritor, o historiador republicano concluiu que a mudança de rumo no pensamento martiniano, muitas vezes sublinhada pelos críticos, era afinal «mais aparente do que real», tratando-se mais de uma alteração nas palavras do que nas ideias. Lopes de Oliveira foi também colaborador em inúmeros jornais – desde o *Correio de Mortágua* e *A Beira* ao *Diário de Lisboa* e *República* – e publicou artigos em diversas revistas, como *Atlântida*, *Livre Pensamento* e *Seara Nova*.

# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

Considerado um «vulto da República» (*Diário de Lisboa*, 04-08-1971, p. 1) e «um dos últimos homens do século XIX», não só pela «sua personalidade vincada e poderosa», mas também «pela largueza dos seus pontos de vista» (*Diário de Lisboa*, 29-01-1958, p. 7), Lopes de Oliveira viria a falecer a 3 de Agosto de 1971, na Parede, Cascais.

**Bibliografia activa:** *De Cara Erguida*, Coimbra, s.d., 1901; *A Justiça e o Homem*, Coimbra, O Ensino, 1904; *Por Terras de Portugal*, Lisboa, Casa Portuguesa, 1930; *Memórias. Guerra Junqueiro*, Lisboa, Cosmos, 1938; *Rema Sempre! Memórias, crítica, paisagem*, Lisboa, Cosmos, 1940; *Eça de Queiroz*, Lisboa, Vida Mundial, 1944; *...E mesmo contra a maré! Memórias, crítica, paisagem*, Lisboa, Edições Universo, 1945; *História da República Portuguesa: a propaganda na Monarquia Constitucional*, Lisboa, Inquérito, 1947; *Guerra Junqueiro: a sua vida e a sua obra*, 2 vols., Lisboa, Excelsior, 1954-55; *História da Revolução Francesa: suas causas, os Estados Gerais, a Assembleia Nacional Constituinte*, Lisboa, Minerva, 1965.

**Bibliografia passiva:** “Lopes de Oliveira”, J. Ramos e Luís Derouet, *Álbum Republicano*, vol. I, Lisboa, Typ. Adolpho Mendonça, 1908; “José Lopes de Oliveira”, *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, vol. XV, Lisboa/Rio de Janeiro, Editorial Enciclopédia, s.d., p. 445; “Viagem ao cabo da memória... Conversando com Lopes de Oliveira. O escritor e o político abrem-se-nos num mundo de belas recordações e revelam-nos também algumas opiniões que confirmam o seu espírito independente”, *Diário de Lisboa*, 29-01-1958, pp. 7 e 10; MARQUES, A. H. Oliveira, *Dicionário de Maçonaria Portuguesa*, vol. II, Lisboa, Editorial Delta, 1986, p. 1053; “O Dr. Lopes de Oliveira (grande vulto da República) foi hoje a sepultar”, *Diário de Lisboa*, 04-08-1971, pp. 1 e 13; “Oliveira, Lopes de”, *Dicionário Cronológico de Autores Portugueses*, Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro (org.), Eugénio Lisboa (coord.), vol. III, Lisboa, Publicações Europa-América, 1994, pp. 250-251.

Carolina T. Rufino